



📍 UOL | Home 📍 São Paulo | SP

Consórcio vira alternativa à crise e já atrai até donos de carros de luxo

👤 Alessandro Reis 📅 15/06/2018 00:00:00

CENTIMETRAGEM : 64.99 CM/COL - VALOR R\$ 11.423,94

Modalidade de financiamento oferece prazos maiores e prestações mais suaves na compra. O consórcio está crescendo na preferência dos consumidores que desejam parcelar a compra de um automóvel.

De acordo com a **ABAC** (Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios), os consórcios contratados de janeiro a abril de 2018 corresponderam a 9,5% dos novos financiamentos de veículos no mesmo período, contra 4,55% em 2011. Ou seja, a participação mais do que dobrou em sete anos. Veja mais

- + [Veja como fugir das "pegadinhas" ao financiar carro](#)
- + [Quer negociar hatches, sedãs e SUVs? Use a Tabela Fipe](#)
- + [Inscreva-se no canal de UOL Carros no Youtube](#)
- + [Instagram oficial de UOL Carros](#)
- + [Siga UOL Carros no Twitter](#)

Não é a primeira vez (e nem será a última) que o consórcio vira recurso para [driblar momentos ruins da economia](#). Já havíamos falado disso em 2015, quando entidades ligadas ao setor automotivo traçaram estratégias para turbinar as vendas.

Alta em 2018

Ainda segundo a **ABAC**, o consórcio praticamente triplicou sua presença no total de emplacamentos de veículos leves (automóveis, utilitários e camionetas) na última década, subindo de 7,8% em 2009 para 31% registrados apenas no primeiro trimestre deste ano. A entidade informa que atualmente existem pouco mais de 6 milhões de consorciados ativos no setor automotor no Brasil.

Vale destacar que os percentuais dos consórcios se referem ao potencial de participação, ou seja, correspondem a clientes que já obtiveram a carta de crédito para a compra do bem, porém não necessariamente fizeram a aquisição.

"Nos últimos anos, o consumidor passou a substituir a compra por impulso pelo planejamento financeiro para obter o bem que almeja. Como tinha outras despesas, o cliente passou a cuidar mais das finanças pessoais e fugiu do financiamento, por conta de vantagens como taxa de administração menor que os juros, a possibilidade de escolher o veículo que quiser com o crédito obtido e ausência de entrada no consórcio, que pode ser utilizada como lance para antecipar a compra", avalia Paulo Roberto Rossi, presidente da **ABAC**.

Rossi destaca que, nos últimos tempos, muitas administradoras ampliaram o prazo de duração do grupo, que saltou de 50 a 60 meses para até 80 meses, reduzindo o valor da parcela mensal.

Antes da crise, os financiamentos chegaram a ser oferecidos sem entrada e em até 90 meses, mas hoje exigem entrada de 30% (ou mais) e parcelamento em até 36 meses. São aspectos que justificam o aumento na preferência pelo consórcio, ainda que nessa modalidade você não leve o veículo imediatamente, como acontece na compra financiada.

Outro aspecto relevante é que, do total de automóveis adquiridos por consórcio no primeiro quadrimestre, 75,2% se referem a veículos usados, contra 49,8% em 2011. Ou seja, a cada quatro carros comprados nessa modalidade, três são de segunda mão. A relação se inverte nas motos: 10% das aquisições são de modelos usados e os 90% restantes de motocicletas zero quilômetro.

"A crise fez o consumidor perceber que veículos novos são mais caros e há disponibilidade de seminovos com baixa quilometragem, ainda dentro da garantia e mais equipados. Já as motos novas são muito mais acessíveis e, em regiões como a Grande São Paulo, são utilizadas como instrumento de trabalho. Quem compra moto nova já planeja fazer a troca dentro de alguns anos", analisa Rossi.

De acordo com o especialista, o preço médio do automóvel adquirido em consórcio atualmente é de R\$ 42,2 mil, ante R\$ 8,4 mil de motos.

Efeito da crise

A ABAC realizou uma pesquisa para conhecer melhor o perfil de quem procura um consórcio. O levantamento foi realizado pela Quorum Brasil com mil consorciados ativos e outros mil potenciais consorciados nas cidades de São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Fortaleza, Salvador, Goiânia e Belém.

Os números indicam que 73% das pessoas consultadas são das classes C (39%) e D (34%), sendo que esta última tem renda mensal de dois a dez salários mínimos. Ainda de acordo com a pesquisa, 54% dos entrevistados têm mais de 40 anos, sendo que 65% são casados.

O destaque fica por conta da classe B, que corresponde a 20% do total pesquisado, enquanto o percentual registrado em 2017 foi de 12%. A classe A, por sua vez, responde por 7%, quase o dobro dos 4% do levantamento realizado no ano passado.

De olho neste interesse dos mais endinheirados é que marcas premium (como a Audi) oferecem planos de consórcio para a aquisição de carros de luxo, em parceria com a Unifisa.

Para Rossi, esse é mais um sinal que a crise também atraiu clientes de maior renda, que usam o mecanismo para planejar a troca de automóveis de maior valor.

"O consórcio propicia a compra de veículos dos mais variados preços. Existem administradoras formando grupos com crédito de R\$ 200 mil e até R\$ 300 mil. No Centro-Oeste, por exemplo, muitos fazendeiros compram picapes e SUVs", concluiu.

<http://miti.com.br/ce2/?a=noticia&nv=jjB9ZsI2zycDZuD5DQd1VA>